

Colóquio Internacional: **Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**

6 a 10 de dezembro de 2011
Laboratório de Geografia Política
Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo
São Paulo – Brasil

O Espaço Geográfico como Totalidade Viva e Complexa em Reclus

João Phelipe Santiago

Prof. Dr. Adjunto – DG/UESB - pphhee@hotmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva discutir uma conceituação de espaço geográfico enquanto totalidade viva e complexa, a partir da análise e síntese dos conteúdos relativos a algumas aproximações da obra de Reclus (1830-1905). A pertinência dessa correlação é clara, visto este autor tratar em sua obra temáticas que envolvem a dimensão do tempo e espaço, a questão ecológica, a percepção das leis naturais e da história, e o entendimento da produção do espaço geográfico, como um processo evolutivo e de desenvolvimento desigual e contraditório. Sua obra não somente discorreu sobre uma geografia universal retratando todas as regiões deste planeta; como discorreu sobre a evolução, desenvolvimento do capitalismo e do imperialismo. Sua visão filosófica e científica construiu uma teorização sobre o espaço enquanto causalidade complexa. Segundo ele, as forças que determinam a humanidade na História e na Geografia se mesclam através da reação contínua do homem sobre o homem. O espaço e o meio são infinitamente complexos, sendo portanto o homem solicitado por milhares de forças que se movem em todos os sentidos, opondo-se e/ou complementando-se. Assim pretendemos construir uma conceituação de espaço geográfico enquanto totalidade complexa, segundo Reclus; comparando e sistematizando algumas traduções e trabalhos sobre seu pensamento e, por fim apresentando uma nova síntese sobre as suas teorizações.

Palavras Chaves - Élisée Reclus, Espaço Geográfico, totalidade viva e complexa, complexidade.

Introdução: entre a holística e a dialética

A noção de totalidade ligada a dimensão mais ampla do universo, enquanto realidade de todas as existências é uma ideia que remonta as antigas filosofias sejam elas classificadas como materialistas ou transcendentais/idealistas.

Posteriormente a ideia de totalidade, na época do cientificismo, passa a ser associada principalmente a dimensão externa e mensurável da realidade humana e social, entendendo-se o mundo da existência humana conexo a dimensão natural e biológica, embora esta dimensão estivesse contida na dimensão mais ampla do universo, razão porque a cosmologia e astronomia procuravam entender as determinações dos fenômenos, das coisas e da vida. Paralelamente o estudo da terra e da geografia passava a ser uma parte/capítulo deste estudo cósmico. Daí porque o ilustre precursor da geografia moderna e científica - Alexander von Humboldt (1769 - 1859) - cunhou sua famosa obra de **Cosmos** (1849-58). O estudo da terra e do homem representam um pedaço/parte/momento deste cosmos. Dessa forma essa acepção geográfica passa a conceber o espaço geográfico como um todo complexo e uno, o qual sendo objeto de estudo passa a ser discutido e analisado em função dos fatores e elementos que o compõe. Inferimos que a noção de totalidade e complexidade já está presente em sua obra (DAGNINO, 2008), o que induz a ser noções contidas nos autores clássicos da geografia moderna.

Das características e aspectos passíveis de serem descritos e explicáveis formando um grande panorama de fenômenos ligados a dimensão física e natural e os aspectos ligados a difusão da humanidade e da civilização pela superfície terrestre; o objeto geográfico foi sendo concebido como um todo complexo. Nesse sentido geraram-se várias obras de autores renomados - tidos como clássicos - de envergadura enciclopédica tal como a de Reclus. Entre as quais destacamos: **La**

Terre, 2 volumes, publicado a primeira vez em 1869; **Nouvelle géographie universelle**, em 19 volumes, publicado sob a forma de fascículos de 1875 a 1892; **L'homme et Terre**, em 6 volumes, publicado em fascículos em 1905, além de obras literárias, um livro de teorização política **L' evolution, la révolution et l'ideal anarchique** (1897), livros-guia de turismo, livros geográficos, livros de literatura infantil de cunho geográfico, livros de propaganda política. Colaboração para revistas de prestígio e jornais na época com numerosos artigos, ademas com outros artigos de combate, colaboração com as obras de Bakunin e suas correspondências que foram editadas em 3 volumes (ANDRADE, 1985).

Assim gera-se nessa época, nesse Zeitgeist um conhecimento geográfico semelhante ao conhecimento enciclopédico, e sendo assim, uma necessária descrição de tudo que envolve a extensão humana nas paisagens não teria aparentemente nenhuma identidade específica, nenhum nexos causal além mas meras comparações tidas mais como deterministas ligadas a certos comportamentos humanos e hábitos sazonais e certas configurações do habitat, por exemplo. Mas nos clássicos putativos - Humboldt, Ritter, Reclus, Ratzel, La Blache, já se forjam determinados conceitos explicativos, engendrando-se determinadas categorias de análise, conexas a princípios lógicos de leis universais. Abrindo-se assim uma grande fase de novas discussões e acirramentos, que culminarão com a afirmação da geografia com ciência acadêmica moderna.

Posto isso, da pra se entender um pouco, porque a geografia foi tachada como não tendo um objeto específico, nem método definido para tratar dimensões da existência universal aparentemente opostas, ou tidas como sem causalidade explícita. Podemos também afirmar que em curso se processa a construção da obviedade objetivamente entendida, do que antes era mistificado e alienado nas ideologias de dominação, do absolutismo e suas ramificações pela construção dos impérios coloniais. O racismo e a perseguição religiosa como dimensões importantes da dominação social.

Como muitos dos nexos muitas vezes não eram objetivamente explicáveis,

permanecia a tendência de fragmentar o estudo do universo em diversas ciências e disciplinas, como se isso exclusivamente fosse um método mais preciso, mais exato, mais objetivo, do que as perspectivas que buscavam a compreensão maior do todo como assim se apresentava a consciência, a percepção, ao conhecimento acumulado. Dessa forma abria-se uma perspectiva que se tornou crônica até o final do século XX, como um momento que podemos chamar de era das dicotomias. Físico x orgânico; determinismo x possibilismo; natural x humano; exato x social; geografia física x geografia humana; centro x periferia; relevo x clima; urbano x rural; e outras tantas mais.

A separabilidade dos fenômenos e das dimensões da realidade das existências do universo, não aceitas como determinados método de abstração, objetivamente entendidos e explicáveis, mas não aceitos ideologicamente, perdurou como um dos grandes campos de criação de mitos e ideologias dominantes, obnubilando a consciência mais concreta da realidade social produzida (VENTURA, 1991; ORTIZ, 1994).

A dimensão da realidade humana objetiva passa a ser parte das ciências emergentes no século XVIII e XIX sejam elas entendidas como; antropológicas, sociais, econômicas, políticas e da saúde conexas a biologia e química. A aplicabilidade dessas ciências junto a matemática, a física, a mecânica, a engenharia engendrará toda uma nova geografia em forma de rede através das ferrovias, das máquinas a vapor e da eletricidade. A lógica dos interesses e domínio humano e das classes sociais será equacionado pela antropogeografia, geografia política e geopolítica moderna, amalgamando desde então, o princípio da inseparabilidade (GUERRA e CUNHA, 1993, 1994) entre a físico e o humano, entendido concretamente na época atual. E que, também, não foi devidamente difundido e valorizado como sendo ligado ao postulado ratzeliano como “o valor das vantagens da situação geográfica” (SANTIAGO, 2005).

Como são muitos aspectos e propriedades/atributos a serem considerados para o entendimento interativo da complexidade onde estamos inseridos, é necessário apelar para uma visão da consciência que der conta desta totalidade viva e complexa, na qual temos que sobreviver com os outros centrados/limitados

no substrato fundamental, a superfície terrestre; embora já explorando o espaço trans-planetário (SANTIAGO, 1993).

Creemos que a hegemonia sobre ao que se concebe como totalidade e espaço geográfico enquanto extensão/produção humana, faz liame com os princípios da unidade terrestre e da inseparabilidade dos fenômenos abstraídos em quaisquer classificações que entendam o social, o biológico, o físico, pelo menos. Sem desconsiderar as essências ligadas ao conhecimento, cultura, tecnologia, ciência enquanto pertencente as forças produtivas. A natureza da geografia engloba isso. A sociedade como produto da evolução natural, mesmo que num determinado momento possa ser concebida numa perspectiva teológica, o que no nosso entender não elimina a dimensão teleológica da causalidade dos fenômenos globais e ações humanas.

Concordamos com Reclus e aprofundamos suas noções; a natureza manifesta sua consciência através dos códigos, metáforas, da linguagem humana, da arte, da ciência. “O homem é a natureza adquirindo consciência própria” (ANDRADE, 1985, p. 38 [Reclus, L' homme et la Terre, 1905]).

Essa consciência diz respeito a unidade de todas as coisas, da causalidade conexa “a evolução do planeta”, em relação as condições de cada característica e eventos naturais em seus respectivos ambientes e lugares, onde “acontecem os fatos da história”. A ideia de totalidade é assim inseparável da noção de complexidade. Reclus tenta nos mostrar que existe uma perspectiva holística e ao mesmo tempo dialética.

As ideias básicas de Reclus foram contidas por Andrade (1985, p. 20-1) seja enquanto concepção conexa pela geografia entre a natureza e o homem, como um “conjunto harmônico” e ao mesmo tempo buscando um sentido unitário e não dualista, tentou compreender “o desenvolvimento desigual entre os indivíduos” e a divisão da sociedade em “classes ou castas”, que lutam com suas forças organizativas e armas para manter o domínio e benefícios. Paralelamente há também uma perspectiva ligada a construção da cidadania, na busca da realização do esforço individual e maior afirmação da liberdade. Dessa forma refletiu sobre que contribuição a “geografia poderia dar à solução dos problemas

sociais”; entendendo o que talvez antes ou paralelamente já cunhava como “geografia social”, em oposição ao que Ratzel (1844 - 1904) forjou como *Anthropogeographie*(1882-91), e que foi consagrada por Vidal de la Blache (1845 - 1918) como geografia humana (idem, p. 29).

A totalidade complexa está em Reclus, filosoficamente associada as categorias inseparáveis de espaço e tempo, integrando a geografia e a história. As sociedades enquanto evolução da humanidade se organizam em função das classes através de uma luta das classes dominadas procurando derrubar a ordem existente, e por outro lado das classes dominantes procurando impor seus interesses, através de reformas e guerras. A ideia de progresso nesta contextura pode ser entendida como paralela a ideia de desenvolvimento que temos na atualidade. Associado a esta dimensão social mais propriamente, está a ação humana através de seu trabalho modificador do meio, como transformador das condições naturais, 'dominando e transformando a natureza' (id.).

O princípio político une a explicação dessas ações transformadoras visto que “vivendo no meio natural, o homem tem condições de modificá-lo em função dos seus interesses e de acordo com a tecnologia e o capital de que dispõe” (id.). Dessa forma seu pensamento supera a dicotomia determinismo x possibilismo.

A exploração da natureza através do trabalho humano difunde a civilização por todas as partes: mares, oceanos e montanhas que antes pareciam inacessíveis. Tal processo remonta a antiguidade. A evolução das sociedades foi aperfeiçoando as técnicas, o domínio dos climas secos através das culturas irrigadas, as quais continuaram a sofrer diversos aperfeiçoamentos, com a demanda urbana. A qual intensificou o desenvolvimento das artes e da ciência, e da absorção das culturas e domesticação dos animais.

A complexidade da construção/produção do espaço geográfico está ligada ao aumento das relações ente o homem e a natureza. Pois como nos ensinou nenhum fator ou aspecto “age isoladamente”. Reclus se vale das noções de “espaço produzido” e processo, para assim conduzir sua perspectiva rumo a “dialética existente nas relações entre a sociedade e a natureza e à necessidade de constante reformulação do conhecimento científico, para dominar e entender o

espaço em que vivemos”. Em *L'homme et la Terre*, (apud ANDRADE, op. Cit., p. 30) disse que a geografia é dinâmica, se constrói e ' se refaz todos os dias, a cada instante ela se modifica pela ação do homem'.

A determinação é a mudança permanente. O relativismo temporal e da situação geográfica é um nexos explicativo para ser entendido a questão dos processos e do grau de desenvolvimento da sociedade, como fator modificador da realidade.

A Natureza da Geografia

O estudo da evolução humana através da história é fundamental na geografia de Reclus. Nesse sentido pode-se mais claramente vislumbrar a perspectiva holística de seu pensamento. Explicar as condições de solo, do clima e de todos os ambientes onde acontecem os fatos históricos; “em que se mostraria a harmonia dos homens e da Terra; em que as condutas dos povos se explicariam, da causa ao efeito, por sua consonância com a evolução do planeta” (RECLUS, 1985a [1905], p. 38). Deduções que levariam ao ele reconheceu como sendo a descoberta da “lei de um progresso humano” (id.).

Surgidos como um ponto no infinito do espaço, nada conhecendo sobre nossas origens nem sobre nossos destinos, ignorando até se pertencemos a uma única espécie animal ou se várias humanidades nasceram sucessivamente para se extinguir e ressurgir novamente, nós estaríamos pouco à vontade para formular regras de evolução ao desconhecido, para combater o nevoeiro, na esperança de lhe dar uma forma precisa e definitiva (id. p. 38).

A totalidade complexa estaria nos laços íntimos que unem as forças telúricas aos fatos humanos, reciprocamente. Em cada período há uma mudança nos meios de ação humanos, produzindo um movimento combinado da natureza e da reação humana sobre a Terra criadora.

Há nesta perspectiva holística uma acepção que concebe o cosmos como preenchido por forças energéticas.

as paisagens do planeta na sua variedade sem fim e na harmonia que lhes dá

a ação das forças étnicas, sempre em movimento, essa própria suavidade das coisas, nós a sentimos ao ver a procissão dos homens sob suas vestes de opulência ou de infortúnio, mas todos igualmente em estado de vibração harmônica com a Terra, que os carrega e os sustenta, o céu que os ilumina e os associa às energias do cosmo. E, da mesma forma que a superfície das regiões nos apresenta, continuamente, sítios de beleza que admiramos com todo o poder do nosso ser, o decurso da história nos mostra, na sucessão dos fatos, cenas incríveis de grandeza, cujo estudo e conhecimento só nos enobrece. A geografia histórica concentra, em dramas incomparáveis, em realizações esplêndidas, tudo aquilo que a imaginação pode evocar (id. p. 39).

Reclus está preocupado com a formulação de leis para melhor entender a complexidade da vastidão da Terra e do Universo. Ao mesmo tempo percebe as limitações e relatividade da abstração humana, capaz de agrupar os fenômenos através da história evolutiva em “leis fundamentais” (id. p. 39).

Assim concebe uma “primeira categoria de acontecimentos”; refletindo sobre o “desigual desenvolvimento nos indivíduos e nas sociedades”, que se desenvolvem em “classes ou em castas, não apenas diferentes, mas também opostas em interesses e em tendências, até mesmo francamente inimigas em todos os períodos de crise” (ibidem).

No mesmo contexto, o limite de poder abarcar o infinito das relações observadas, está a ideia de complexidade. (...) “sob mil formas, o conjunto de fatos que se observa em todas as regiões do universo, com a infinita diversidade que determinam os sítios, os climas e o dédalo cada vez mais intrincado dos acontecimentos” (id.).

A segunda categoria de fatos correlaciona com a dialética da sociedade, pois concebe as contradições e conflitos entre os indivíduos e entre as classes sociais.

O segundo fato coletivo, consequência necessária do desdobramento dos corpos sociais, é que o equilíbrio rompido de indivíduo a indivíduo, de classe a classe, oscila constantemente em torno do seu eixo de repouso: a violação da justiça sempre clama vingança. Daí, incessantes oscilações.

Isso estaria ligado a utilização do poder em proveito próprio. A vingança é também descrita como a força mais remota ligada aos conflitos humanos que passam de geração em geração. Associada ao domínio do poder de força

autoritária, causam as guerras civis e estrangeiras, os massacres, “numa confusão contínua” conduzindo os acontecimentos ao “caos” e as “revoluções” (id. p. 39-40).

“Um terceiro grupo de fatos”, está ligado aos esforços individuais.

“É na pessoa humana, elemento primário da sociedade, que é preciso procurar o choque impulsivo do meio, destinado a se traduzir em ações voluntárias para difundir ideias e participar nas obras que modificarão o feitio das nações. O equilíbrio das sociedades só é instável por causa do distúrbio imposto aos indivíduos em sua franca expansão. A sociedade livre se estabelece pela liberdade alcançada, no seu desenvolvimento completo, a cada pessoa humana, primeira célula fundamental, que agrega em seguida e se associa, como lhe agrada, às outras células da mutável humanidade. É na proporção direta dessa liberdade e desse desenvolvimento inicial só indivíduo que as sociedades ganham em valor e nobreza: é do homem que nasce a vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo (id. p. 40)

A Ação Humana como Agente Transformador

Desde a mais remota antiguidade começa o processo de apropriação da superfície terrestre. Do domínio da expansão humana ocupando e se multiplicando em todos os lugares em princípio habitáveis conforme a evolução das formas de adaptação e transformação do meio foram sendo inventadas e difundidas. A “própria vida [humana e na própria natureza] era uma luta interrupta” (RECLUS, 1985b [1881], p. 41). O poder da transformação humana foi sendo adquirido conforme a grau de transformação dos ambientes e sua capacidade de reagir as influências do mundo exterior. Do recebimento passivo da natureza, o homem começou a interagir e se apropriar dos solos . Transformando de diversas maneiras as superfícies dos continentes. Modificando inclusive os climas, a fauna e a flora. A extensão humana tornou-se assim, devido sua diversidade e intensidade como que uma “força da associação [como] verdadeiros agentes geológicos” (id. p. 41). Mudando a “economia das águas correntes”, e ademais um trabalho de constante mudança de aspectos transformados e renovados, imprimindo ainda uma maior diversidade à “fisionomia geral do globo”.

Nesse aspecto podemos claramente ver a atualidade do pensamento

geográfico e ecológico de Reclus. A era da globalização como assim tem sido chamada no mundo atual, o aquecimento global, tem interpretado a ação humana como um agente geológico que tem competido com as forças naturais; visão essa que já estava formatada inicialmente em Reclus em 1881.

A media que o ecúmeno se expandia, através do comércio e “das trocas, pelas viagens e pelas expedições guerreiras”, passou-se a conhecer os territórios de ambos os lados. Assim os espaços antes não conhecidos foram motivos do acúmulo de novos conhecimentos, e paralelamente a isso, tal expansão gerou as redes de circulação e comunicação.

“Essa rede, com inumeráveis linhas que se entrecruzam, recobre quase totalmente os grandes maciços continentais e se estende sobre toda a parte dos oceanos compreendida entre os dois círculos polares; somente em direção ao pólo norte, e do outro lado da Terra, nas regiões antárticas, existem ainda espaços com extensão respectiva de 6 milhões e 900 mil e de 18 milhões de quilômetros quadrados, que as banquisas e as montanhas de gelo mantiveram, até o momento atual, virgens de qualquer exploração (id. p. 43)

“A cada ano diminui a superfície dos espaços desconhecidos que ainda não figuravam em nossos mapas, e centenas de heróis, destinados em grande número a morrer obscuramente, procuram estreitá-los ainda mais” (id. p. 44). São inúmeras as exemplificações que Reclus indica para mostrar o poder transformador das paisagens pela ação humana nesta segunda metade do século XIX.

Nesta contexto podemos interpretar como uma perspectiva que associa a geografia como extensão humana, mostrando como essa ação vai gradativamente conquistando e modificando a natureza. Razão que também abre a perspectiva de uma ecologia humana em sua teorização, pois que, em seguida, seu pensamento acopla outros exemplos sobre a apropriação dos solos e da irrigação em função do desenvolvimento das culturas e da ciência. É mais coerente entendermos seu pensamento limitado às determinações históricas, intelectuais e ao desenvolvimento das forças produtivas e tecnológicas de sua época.

A conquista da Antártida, por exemplo, e sua transformação em base de

pesquisa científica é conquista consolidada na segunda metade do século XX. “Tal base pode ser entendida como extensão e desenvolvimento estratégico dos Estados, das nações e das sociedades atuais, que investiram neste horizonte geográfico que estava já anunciado” na época de Reclus e também na contextura de Ratzel (SANTIAGO, 2005, p. 50). O desenvolvimento técnico-científico naquela época ainda não tinha considerado essa possibilidade, isto é, a fixação pelo menos em nível de base de pesquisa como é hoje, embora Reclus anuncie como um horizonte em expansão; todavia os mares periglaciais já faziam parte do horizonte de pesca predatória e comercial na virada para o século XX, aspecto da rede de circulação não mencionado por Reclus nem por Ratzel. Mesmo assim, no sentido projetado, este espaço geográfico pode ser entendido como “extensão humana”, para utilizar uma expressão ratzeliana e um sentido contido em Reclus. Da mesma forma, podemos nos referir à expansão do horizonte geográfico para a conquista do espaço extraterrestre, conquista da Lua e perspectiva de colonização de Marte, questões da época atual (SANTIAGO, 1993).

Na época de Reclus e Ratzel, o imperialismo moderno estava na fase inicial do desenvolvimento industrial e técnico-científico. E, num certo sentido, a valorização do espaço era muito mais extensiva e predatória do que o é nos dias atuais, já que emergiram outras implicações que não estavam amiúde colocadas. O que não quer dizer, no nosso entendimento, que deixamos de ser menos extensivos e predatórios, em certas escalas, quando analisamos o impacto ambiental, a despeito de toda a agricultura tida como sustentável, ou mesmo, no que diz respeito à complexa multiplicação das “territorialidades” (MESQUITA, 1995) que envolvem os diversos serviços dos sistemas produtivos no sentido global. Basta lembrarmos as centenas de notícias sobre os acidentes ecológicos nas últimas décadas.

Embora esse não seja nosso assunto direto, queremos apenas alertar o leitor para a questão da contextura, onde se insere o autor e os possíveis desdobramentos de sua interpretação, mesmo porque a obra de Reclus, tanto quanto a de Ratzel também abre a perspectiva de uma ecologia humana e de uma geopolítica.

Reclus bem evidencia a questão do desenvolvimento relativo as “forças produtivas do solo”, mostrando como imensos territórios perderam sua fisionomia original. O avanço dos espaços cultivados, como sendo naquela época na ordem de “12 milhões de quilômetros quadrados” RECLUS, 1985b, p. 45).

A evolução da técnicas agrícolas, mostra como a agricultura praticada ao acaso vai sendo modificada pela adição do conhecimento, como uma “indústria científica; ela o será totalmente quando as leis da química, da física, da meteorologia e da história natural forem perfeitamente conhecidas” (id., p. 46).

Nesta passagem também podemos perceber a antevisão da época atual; mesmo que a rigor ainda não possamos considerarmos conhecedores senão de uma parcela um pouco maior que naquela época; o desenvolvimento técnico-científico já conseguiu resolver o problema da adaptação e da produção de alimentos para a sociedade. Só não foi resolvido o problema político do domínio e controle da produção e distribuição das riquezas produzidas. A visão social de Reclus aliada a problemática da dominação social pelas classes dominantes permanece atualíssima.

A Totalidade Viva e Complexa

O meio é infinitamente complexo segundo Reclus (1986), (MOSQUETE, 1983).

É indispensável, sem dúvida, estudar à parte e de forma detalhada a ação especial de cada elemento do meio, frio ou calor, montanha ou planície, estepe ou floresta, rio ou mar, sobre tal povo determinado, mas é por puro esforço de abstração que se tenta apresentar em separado esse fato particular do meio e que se procura isolá-lo de todos os demais a fim de estudar sua influência essencial (RECLUS, 1985c, p. 56).

Nesta passagem estão colocados dois elementos importantes do método de análise em Reclus, o que hoje está mais do que comprovado como correto e praticado. Uma das característica da evolução do pensamento geográfico e das

abordagens é que proliferam-se os estudos de caso, e as relações existentes no espaço geográfico desenvolveram-se ao nível de detalhamento, devido aos planos e projetos de gestão e manejo do território nas mais diversas escalas de tratamento.

A abstração é um método de análise da realidade e a inter-relação entre as diversas partes é uma necessidade imperativa para que o conhecimento se torne cada vez mais inteligível e passível de ser manipulado e aplicável as diversas realidades do cotidiano ligado a gestão, ao planejamento e ao desenvolvimento da consciência planetária e educativas. Razão maior para superarmos as crises que veem se avolumando a cada dia que passa.

Podemos perceber a profundidade com que Reclus evidencia a questão da complexidade e da totalidade: (..) “tudo aquilo que na natureza exterior pode agir sobre os sentidos” (...) “tudo aquilo que pode assimilar pelas sensações”. Sabemos que as sensações diretas não respondem a toda a percepção, que a tecnologia é uma espécie de extensão dos sentidos humanos; a exemplo do microscópio e do telescópio.

Entretanto, a possibilidade infinita e a percepção limitada dá a Reclus uma visão interessante sobre a realidade a que configura o espaço geográfico. “E ainda assim esse meio primitivo, constituído pelas coisas circulantes, é apenas uma tênue parte do conjunto das influências as quais o homem está sujeito”. (...) Ao meio-espaço, caracterizado por mil fenômenos exteriores, é preciso acrescentar o meio-tempo, com suas transformações contínuas, suas repercussões sem fim” (id., p. 57).

Assim podemos perceber ao estudar parte da obra de Reclus que ele estava na frente de seu tempo e espaço. Seu senso geográfico e da realidade o torna atual, lançando luzes que ainda não se apagaram sobre a contínua problemática humana na sua saga de descobrir mas elos da realidade determinante e tentar resolver as crises que colocam o poder e a sociedade ora numa encruzilhada, ora na beira do abismo.

Bibliografia

- ANDRADE, Manuel Correia de (Org.). **Élisée Reclus**. São Paulo. Ática. 1985.
- DAGNINO, Ricardo de S. A GEOGRAFIA DE ALEXANDER VON HUMBOLDT: DIÁLOGOS ENTRE ARTE E COMPLEXIDADE . In: **Caminhos de Geografia**.
Uberlândia . v. 9, n. 26 . Jun/2008 . p. 65 – 83. acessado em 13/8/11. CAMINHOS DE GEOGRAFIA - revista on line . <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense.
1994.
- GUERRA, A. T. e CUNHA, S. B. da. **Geomorfologia: uma atualização de Bases e Conceitos**. Bertrand Brasil, 1993.
- GUERRA, A. T. e CUNHA, S. B. da. **Geomorfologia e Meio Ambiente**. São Paulo; Bertrand Brasil, 1994.
- RECLUS, Élisée. “O homem é a natureza adquirindo consciência” (L'homme et la Terre, 1905-08). In: ANDRADE, Manuel Correia de (Org.). **Élisée Reclus**. São Paulo. Ática. 1985a. pp. 38-40.
- RECLUS, Élisée. “A ação do homem com modificador das condições naturais, dominando e transformando a natureza” (La Terre, 1881). In: ANDRADE, Manuel Correia de (Org.). **Élisée Reclus**. São Paulo. Ática. 1985b. pp. 39-55.
- RECLUS, Élisée. “A complexidade da produção do espaço geográfico” (L'homme et la Terre, 1905-08). In: ANDRADE, Manuel Correia de (Org.). **Élisée Reclus**. São Paulo. Ática. 1985c. pp. 56-60.
- RECLUS, Élisée. **EL HOMBRE Y LA TIERRA**. México. Fondo de Cultura Económica. 1986.
- MESQUITA, Zilá. “Do território à consciência territorial”. In MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos R. (Orgs.) **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre/ Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRGS/ Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995. p.82-

97.

MOSQUETE, Maria Tereza V. **ELISEO RECLUS: LA GEOGRAFIA DE UN ANARQUISTA**. Barcelona. Los libros de la frontera. 1983.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil (1870-1914)**. São Paulo. Companhia das Letras. 1991.

SANTIAGO, João P. "Fazer Geografia". In **Con(s)ciência: Revista Cultural, Técnica e Científica**. N. 4, 1993. Vitória da Conquista. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 1993. pp. 113-121.

SANTIAGO, João Phelipe. **A QUESTÃO NACIONAL NA GEOGRAFIA RATZELIANA E SUA ASSIMILAÇÃO NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO NA REPÚBLICA VELHA**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2005.

TRICART, Jean. **A Terra Planeta Vivo**. Lisboa. Presença. 1980.